

"A Guerra Colonial Portuguesa através da literatura"

MARIA ANTONIA DIAS MARTINS

Um dos períodos mais dramáticos na recente história portuguesa sem dúvida é a prolongada guerra colonial que se estendeu de 1961 a 1974, em três frentes de batalha: Angola, Guiné Bissau e Moçambique.

Calcula-se que o número aproximado de militares que participaram nos três principais focos da guerra colonial tenha sido de 1.368.900. O número de vítimas fatais durante a guerra na África por volta de 8.831. As estimativas sobre o número de feridos apontam para cerca de 30 mil.

Para muitos portugueses, principalmente para os soldados que combateram, a Guerra Colonial foi a *zona de contato* com o colonizado africano. Aqui entendemos *zona de contato* como um espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção e desigualdade radical.ⁱ

Até aquele momento o colonizado era visto apenas através da representação que sobre ele havia sido construída por séculos de dominação e principalmente pelo Estado Novo Português.

No Salazarismo as colônias eram retratadas como a riqueza de Portugal e do português, que via na tradição colonial a imagem da pobreza que fecundou e enriqueceu o mundo. À imagem do colono pobre se sobrepõe outra, profundamente religiosa que é o dever como missionário. O sentimento imperialista se caracteriza pelo orgulho da raça, o amor à glória, o desejo do domínio mas e sobretudo pela fascinação do sacrifício. Sacrifício pela pátria e pelos seus mais altos ideais de fé e civilizaçãoⁱⁱ.

A teoria luso-tropicalista desenvolvida por Gilberto Freyre também foi utilizada pelo salazarismo como suporte para justificar a permanência do colonialismo

português. O luso-tropicalismo foi usado (de forma explícita ou implícita) como suporte “científico” da argumentação da diplomacia portuguesa. As teses de Gilberto Freyre – o tradicional não racismo dos portugueses, a sua capacidade de adaptação aos trópicos, a unidade de sentimento e de cultura que caracterizaria o mundo que o português criou – serviam aos interesses políticos-ideológicos da política externa portuguesa.

A literatura também teve influência sobre o lugar que o Ultramar representava para os portugueses. Exemplo disso é Marcelo Caetano em seu livro *Depoimento* em que afirmou que pertenceu a uma geração para a qual o Ultramar surgiu como a grande missão de Portugal no Mundo. Segundo Marcelo Caetano a África era o caminho apontado na Ilustre Casa de Ramires aos portugueses que quisessem fugir à mediocridade das lutas partidárias em que se esgotava o regime liberal.

Podemos perceber que a questão das províncias ultramarinas portuguesas foi explorada tanto pelos doutrinadores do regime estadonovista, quanto por pensadores sociais (Gilberto Freyre) e até mesmo a literatura foi utilizada como apoio na legitimação para a manutenção das colônias e de uma representação sobre o que significava o território africano para o português.

Assim a identidade portuguesa havia sido construída tendo como bases as funções de “agente civilizador” e “missionário” da fé cristã. Eduardo Lourenço, ao analisar a identidade portuguesa afirmou que “Cada povo só o é por se conceber e viver justamente como destino”. Quer dizer, simbolicamente, como se existisse desde sempre e tivesse consigo uma promessa de duração eterna. É essa convicção que confere a cada povo, a cada cultura, pois um e outro são indissociáveis, o que chamamos “identidade”. Como para os indivíduos, a identidade só se define na relação com o outro’ⁱⁱⁱ O que vemos é que a identidade portuguesa esteve muito ligada a existência do seu império.

Desta forma à medida que o lusitano se diferenciava do africano estabelecia sua própria identidade. O mesmo foi feito em relação ao europeu. Portugal tinha uma

relação diferente com suas colônias em comparação aos outros povos colonialistas. A existência de um império assegurava à Portugal uma posição que o tornava menos frágil em relação a seus vizinhos europeus. Salazar afirmava que “ Portugal era pequeno na Europa mas grande no mundo”. Embora os outros povos ocidentais fossem igualmente cristãos Portugal distinguia-se por ser “ fronteira da cristandade” .

A guerra colonial foi motivo de fortes literaturas em Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Porém não podemos tomá-las como um conjunto. A literatura de guerra portuguesa é chamada de “literatura de guerra colonial” e a literatura de guerra africana é identificada como de “movimentos de libertação nacional”. Na primeira temos uma nação em crise diante do fim do império que era sua identidade; na segunda, a afirmação violenta do desejo e da necessidade de invenção de novas nações, só possível a partir da destruição do império.

Dentre os autores que tematizaram a Guerra Colonial no tocante à questão da experiência de combate, houve alguns que combateram na tropa de elite como: Vale Ferraz/Matos Gomes, ferido em combate; Alpoim Calvão e Modesto Navarro, fuzileiros; Carmo Vicente, pára-quedista. Existiram os que combateram, mas não pertenciam à tropa de elite, que era o caso de: Álvaro Guerra, ferido em combate; Manuel Alegre, combatente e desertor. Existiu um último grupo que participou da guerra em um dos três pontos do conflito mas não combateram: Assis Pacheco, Antônio Lobo Antunes e João de Melo (os dois últimos nos Serviços de Saúde, alferes médico e furriel enfermeiro, respectivamente, o que os exclui da qualidade de combatentes).^{iv}

Álvaro Guerra se destaca dentre os autores da Guerra Colonial por ter publicado seus livros quando o Estado Novo português ainda encontrava-se em vigor. O livro *O Capitão Nemo e eu*, publicado em 1973 de autoria de Álvaro Guerra tem como tema central um ex-soldado português na guerra colonial da Guiné. Ferido e sofrendo de amnésia ele vai relembrando fatos de sua experiência em solo africano como se fossem cenas de um filme. Ou trechos de um sonho. A última imagem que o

protagonista tem é uma falésia, o vento soprando muito forte e o mar batendo no rochedo. No decorrer da narrativa vão surgindo fatos e nomes, como lampejos de memória. Algumas lembranças o incomodam como o da morte do filho que ele teve com uma nativa chamada Safi.

A narrativa não é linear, os fatos aparecem e reaparecem sem uma ordem aparente. Álvaro Guerra faz parte de um círculo de autores que marcam sua obra por um experimentalismo formal e de linguagem. Como ele não pode narrar sua experiência na Guiné de forma direta ele usa outros caminhos para isso. É uma tentativa de preencher a ausência da ficção óbvia impossível antes do 25 de abril numa perspectiva de restituição do vivido e denúncia dele.

“ Que perdi a memória – dizem. E logo dão um nome a esta imunidade que pretendem retirar-me. (...) Só agora, na metade do tempo em que a droga do sono se esgota e sei que é meu o que me circula nas veias, só agora me visito (...) É uma visita tosca e breve, que se cansa de mim ou me recusa ...”^v. Desta forma Álvaro Guerra abre o livro. O personagem central está em uma cama de hospital, vítima de combate, perdeu a memória, esquecendo-se não só do exterior, mas também dele mesmo. Mais do que negar sua intenção é recusar aquilo que ele é – ou foi – e defendeu.

O autor busca dar voz a esse novo homem que está surgindo no cenário português e ainda não está identificado, mas com certeza é o homem que já não aceita essa herança secular que agora tem que pagar com seu sangue em uma guerra cruel e sem sentido. Não podemos simplesmente identificar a voz do romance com o eu biográfico do autor. O “homem novo” que perambula pelo labirinto de suas páginas, pressionado por memórias cruéis da guerra, fala por um “eu-coletivo”, arrastado por um mesmo e duplo drama: o da perda das certezas e o da deterioração acelerada do mundo português, prisioneiro da guerra.

O personagem central do livro não entende bem as razões da guerra:

"Perguntando nós que guerra era aquela, sempre ouvimos como resposta grandes palavras ocas. E, muitos anos depois de termos escapado do pântano, (...) muitos anos depois, dizia, a guerra ainda lá estava feroz e persistente, perante o nosso absurdo esquecimento. De longe em longe, um documento consegue furar a fronteira e a rotina. Revoltamo-nos mansamente, inutilmente. Tornamos ao esquecimento" ^{vi}

A importância desta literatura está no fato de dar visibilidade a esta guerra, além de se tornar imprescindível ao historiador que queira perscrutar a guerra colonial portuguesa, já que as barreiras da censura visual e da auto censura impuseram limites consideráveis ao registro deste momento e do horror ali presente. Parte desse horror vivido pode ser acompanhado pela forma como o autor descreve a guerra: " Meter o cano da pistola e disparar. Golpear a nuca das vítimas e depois estripa-las. Lançar crianças de peito ao ar e espeta-las ao cair na ponta das baionetas. Fazer com que as mães nuas e apavoradas fujam, deixando os filhos. Pessoas feridas de morte e atiradas ao fogo. Agarrar uma mulher que está dando à luz, arrancar tudo o que pertence ao parto e obrigar o marido a come-lo...Que ódio? Que vingança? Que amor cristão?... Ao regressar a casa: brandos costumes. Depois de defendermos o Ocidente, afirmam-nos que podemos dormir descansados (...)" ^{vii}

Pelo que podemos observar há uma discrepância entre a situação vivida na África em nome do Ocidente e a paz doméstica. Na guerra o soldado é obrigado a enfrentar o lado mais violento dessa sociedade, talvez sua face mais verdadeira, que é a do assassinato, da sujeira, da crueldade, da miséria. Quando volta para seu lar não consegue encontrar seu lugar, pois já não partilha nem dos " brandos costumes" nem do ódio , nem da vingança e nem do amor cristão. Ele fica preso num "entre-lugares" que é nenhum lugar: "Nem então encontrei meu lugar. Também não era no mundo de Safi. Não há paraísos perdidos.(...)Tive todas as oportunidades para me regenerar, aproveitei-as todas.Viajei pela civilização, tive família, automóvel, casa, cão. E

reconheci, finalmente, que também não era nesse mundo o meu lugar. Diga-me (...) haverá um lugar para mim?”^{viii}

Através deste livro o autor provoca o leitor ao lembrar-lhe que esta civilização tão humana, que leva o amor cristão como verdade e guia de vida, esquece que tem colônias e que nelas são praticados massacres em seu nome. E é ao soldado que cabe a tarefa de lembrar ao colono que este está preso ao império por submissão incondicional.

No caso do soldado português, além de defender a pátria, ele também está defendendo o cristianismo, uma vez que Portugal herdou a tarefa de “evangelizar os povos pagãos”. Em determinada passagem o soldado lembra a pregação de um capelão que dava as boas vindas à África para os soldados que ali iriam combater: “Irmãos, longe dos vossos lares, das vossas famílias, das vossas noivas, de todos os entes queridos, tendes por consolo e por razão o amor da pátria e a fé em Cristo, que aqui vos trouxeram para defender a terra dos vossos antepassados que vieram oferecer ao gentio selvagem, com suor e sangue, a verdade, a justiça e a Fé em Deus nosso Senhor. Ele está convosco. Vós sois os soldados de Cristo que combatem os infiéis, os ímpios. Vencereis, tal como São Jorge venceu o Dragão. Que Deus seja convosco, meus bem amados irmãos.”

Este vínculo entre a igreja e Portugal é profundo e suas raízes estão muito assentadas na história portuguesa. A cultura portuguesa tem como referente mítico o catolicismo. Esse catolicismo está assimilado à história ideal de cruzados de Cristo durante séculos. No salazarismo a doutrina social da Igreja foi usada como referência, e os valores católicos, integrados a um país “organicamente” católico e proselitista que durante séculos não separou a sua atividade colonizadora da atividade missionária.

A guerra colonial serviu para que vários setores da sociedade portuguesa tomassem consciência da questão colonial. Principalmente os setores militares, que participaram diretamente da guerra. Isto acabou conduzindo ao movimento militar de

25 de Abril, que derrubou a Ditadura do Estado Novo e teve como consequência o fim do regime colonial.

Foi na África que o regime político português enfrentou sua maior resistência. Era lá que estavam as comunidades que suportavam todo o peso da desigualdade econômica, cultural e social advindas de um Estado que pretendia fazer do seu passado o futuro.

O português não tinha condições de entender as circunstâncias em que se davam a revolta e a violência do colonizado, pois para este lusitano, o africano era visto através de seu olhar “europeu”. Da mesma forma o soldado primeiro enxerga o colono através das “lentes” que a sua civilização lhe emprestou para depois vê-lo com os olhos de um indivíduo. Por isso as lutas do colonizado não eram compreendidas pela sociedade portuguesa.

Através da violência o colono africano encontrou sua forma de luta. O exemplo prático da Revolução da Argélia havia mostrado para o colonizado que ele poderia derrotar um colonizador muito mais poderoso. Frantz Fanon afirmava que a violência do colonizado unifica o povo. Para ele, no nível dos indivíduos, a violência desintoxica, livrando o colonizado de seu complexo de inferioridade, de suas atitudes contemplativas ou desesperadas.

É sob o peso da guerra e sufocado por uma ditadura que o português perceberá a África.

“(...) a morte espalhou o seu cheiro de pólvora e medo, e mostrava-me em mãos enxangues um sangue antigo e fatigado; tossia ainda na metralha, despedindo-se ameaçadora e segura, calcando-nos contra a terra invadida pelos nossos crimes e pela nossa ingenuidade, nós, pequenos e vorazes como percevejos perseguidos com paciência sonolenta. Em casa nos esperavam, mulheres e adiadas” .

Para o português que vivia na colônia, apesar da guerra colonial, abandonar a África e assumir-se como europeu era um desafio muito grande. No livro aqui

analisado o protagonista afirma: "Continuo muito mais aquilo que fui do que aquilo que sereiEstou cheio de cicatrizes - oito séculos de cicatrizes."

Se desligar da África era difícil e penoso, pois era abandonar também uma identidade e partir em busca do que ou de quem eram verdadeiramente os portugueses. Tal qual o capitão do submarino Nautilus, das Vinte Mil Léguas Submarinas de Júlio Verne, que desceu à fundura do oceano, o narrador do livro de Álvaro Guerra pesquisa metaforicamente as profundezas do seu íntimo, para se descobrir, recusando o que até então era, tendo somente a certeza de que trazia " oito séculos de cicatrizes".

A representação dessa guerra colonial construída por Álvaro Guerra é a expressão de um tempo de dor, de sofrimento, de solidão que as estatísticas jamais contemplarão. Ao romper a invisibilidade desta guerra esta narrativa sugere vestígios desse tempo histórico que só o processo de leitura permite descobrir.

É portanto através dos efeitos da leitura que a ficção realiza sua função de revelação e transformação da vida, ou seja, é por conta da mediação que a leitura opera entre o mundo fictício do texto e o mundo efetivo do leitor que a literatura retorna à vida, isto é, do campo prático e prático da existência.

ⁱ Pratt, Mary Louise, "Os olhos do Império – relatos de uma viagem e transculturação", Bauru, SP, 1999.

ⁱⁱ Thomaz, Omar Ribeiro, " Ecos do Atlântico Sul: Representações sobre o Terceiro Império Português" Tese de Doutorado, Antropologia, FFLCH, SP, 1997

ⁱⁱⁱ Lourenço, Eduardo, " Mitologia da Saudade", São Paulo, Cia das Letras, 1999.

^{iv} Teixeira, Rui de Azevedo, " A Guerra e a Literatura", Veja Editora, Lisboa, 2001.

^v Guerra, Álvaro, " O Capitão Nemo e Eu", Lisboa, Editorial Estampa, 1973, pg 11.

^{vi} Idem, pg. 115

^{vii} Ibidem, pg 115

^{viii} Ibidem, pg 87